



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **19/08/2020**

Aprovado em: **24/08/2020**

ESTUDO DE GÊNERO SOBRE A HISTÓRIA EM QUADRINHOS MULHERES NA LUTA.
GENDER STUDY ABOUT THE COMICS WOMAN IN THE FIGHT. ESTUDIO DE
GÊNERO SOBRE LA CÓMICS MUJER EN LA LUCHA.

RAUL FELIPE SILVA RODRIGUES

<https://orcid.org/0000-0003-1471-1877>

MARIA HELENA SANTANA CRUZ

<https://orcid.org/0000-0002-7794-278x>

RESUMO

Neste trabalho relaciono meus estudos de gênero com a história em quadrinhos *Mulheres na luta de Marta Breen* e ilustrada por Jenny Jordahl. Na narrativa gráfica a autora elenca acontecimentos históricos sob uma perspectiva feminista. A proposta aqui consiste em indicar possibilidades pedagógicas e de pesquisa da (re)inserção dos quadrinhos no referencial teórico dos estudos de gênero e práticas educacionais. Deste modo, proponho uma apresentação inicial da obra em quadrinhos e das autoras, para em seguida analisar de modo relacional o tratamento estético quadrinístico com nossos estudos de gênero. Ainda assim, os resultados da pesquisa servem para mostrar as possibilidades pedagógicas desta história em quadrinhos para educação e, conseqüentemente, para pesquisas de gênero.

ABSTRACT

In this work, relate our gender studies to comics *Women in the fight for Marta Breen* and illustrated by Jenny Jordahl. In the graphic narrative the author lists historical histories from a feminist perspective. The proposal here consists of indicating the pedagogical and research possibilities of the (re) insertion of comics in the theoretical framework of gender studies and educational practices. This mode, proposes an initial presentation of the work in comics and the authors, to subsequently analyze the relational mode or the aesthetic treatment with our gender studies. Still, the research results help to show the pedagogical possibilities of this comic for education and, consequently, for gender research.

RESUMEN

En este trabajo, relaciono nuestros estudios de género con los cómics *Mujeres en la lucha por Marta Breen* e ilustrados por Jenny Jordahl. En la narrativa gráfica, la autora enumera historias históricas desde una perspectiva feminista. La propuesta aquí consiste en indicar las posibilidades pedagógicas y de investigación de la (re) inserción de cómics en el marco teórico de los estudios de género y las prácticas educativas. Este modo, propone una presentación inicial del trabajo en cómics y los autores, para posteriormente analizar el modo relacional o el tratamiento estético con nuestros estudios de género. Aún así, los resultados de la investigación ayudan a mostrar las posibilidades pedagógicas de este cómic para la educación y, en consecuencia, para la investigación de género.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho tratamos da história em quadrinhos, *Mulheres na luta*. Suas possibilidades educacionais e como fonte de pesquisa, bem como para a fruição estética de gênero. Em *Mulheres na luta*, a autora Marta Breen junto com a ilustradora Jenny Jordahl narram momentos históricos da luta das mulheres por direitos em um cenário mundial. Onde, mesmo em presença da democracia, homens possuem mais direitos que as mulheres. Nessa perspectiva, as narrativas orbitam em torno do direito à educação, ao trabalho, ao voto e sobre o próprio corpo.

Marta Breen (2019) escreve não ficção e já publicou muitos livros, dentre os quais se destacam *A história das mulheres na música norueguesa*; *Nascida feminista*; e o best-seller, *Sessenta mulheres que vale a pena conhecer*, em colaboração com a ilustradora Jenny Jordahl. As duas também trabalharam juntas no livro *Aquela palavra que começa com F*, que ganhou o prêmio do Ministério da Cultura da Noruega na categoria não ficção juvenil.

Já Jenny Jordahl é uma ilustradora e cartunista premiada. Tem um blog de tirinhas chamado “A vida entre os animais” (*Livet blant dyrene*). Já ilustrou vários livros, em parceria com Marta Breen e outros autores. Em 2017, Jordahl estreou como escritora de literatura infantil com *Hannemone e Hulda*.

Ressaltamos que a escolha da arte sequencial gráfica dessas autoras se deu, além da abordagem temática, tratamento dado à história das mulheres e presença de personalidades feministas em quadrinhos, devido a repercussão internacional. Como evidenciou a autora à editora Seguinte[1] em entrevista publicada em fevereiro de 2019. Segundo Marta, com seis meses de lançada na Noruega, *Mulheres na luta* teve os direitos de publicação vendidos para dezenove países.

Ainda na entrevista, a autora fez questão de destacar por diversas vezes sua preocupação com as pessoas que consideram direitos como garantias permanentes. Para Marta (2019), devemos estar atentos especialmente às pequenas mudanças nas leis de nossos países para evitar perda de direitos. Em sendo assim, quando questionada sobre o processo de escolha dos momentos históricos narrados ela disse que partiu do que considera a primeira convenção do movimento feminista para fenômenos históricos específicos e globais relacionados a temática de gênero.

Na HQ – História em Quadrinhos - elas utilizam a simplificação do estilo *cartoon*, mas sem o recorrer aos recursos das metáforas visuais. Segundo Leal e Silva-Hardmeyer (2017, p. 142) os cartoons são compostos basicamente por: imagem, humor e temas sociais e políticos. Já as metáforas visuais, “nos quadrinhos, constituem novas conceitualizações, e não apenas uma maneira alternativa de se representar uma relação metafórica já detectada em outro domínio de linguagem.” (DOS SANTOS, 2017, p. 416) Em compensação, são utilizadas linhas cinéticas de destaque e de movimento para chamar atenção e indicar o percurso das ações. Deste modo, temos, na parceria de Marta e Jenny, uma história em quadrinhos com o foco na mensagem. Então, por que uma HQ e não um livro?

Na mesma entrevista acima citada, Marta diz que narrar em quadrinhos permite que uma comunicação mais direta. De certa forma, algo já afirmado por Will Eisner (1995), quando disse que, à medida que essa linguagem se vale da experiência visual comum entre as partes, a relação entre imagens e palavras facilita sua compreensão.

Outro ponto importante da comunicação direta, facilitada, ou melhor, da simplificação nos quadrinhos consiste no fato de, na maioria das vezes, apenas apresentar enunciados. O que na maioria das vezes deixa de fora a complexidade do que se comunica. Ou seja, quando as HQ tratam de temáticas complexas devemos lembrar que esses enunciados quadrinistas servem para nos

aproximarmos do que dizem e não tomarmos como verdade.

Desse modo, buscamos aqui relacionar os enunciados de mulheres na luta com concepções de gênero estudadas durante nossas investigações. Obviamente, em si tratando de uma HQ com mais de cem páginas e que se propõe a falar de cento e cinquenta anos de luta, tivemos que escolher sobre quais concepções falar. Assim, para fins educacionais, consideramos importante destacar entendimentos fundamentais ligados às concepções acerca das categorias: mulher, educação e gênero.

Dentre as teóricas e teóricos relacionados aos estudos de gênero utilizados estão: Pierre Bourdieu, Joan Scott, Nancy Fraser, Heleieth I.B. Saffioti, Michel Foucault, Judith Butler, Djamila Ribeiro, etc. Estudados direta e indiretamente através da leitura de estudiosos e estudiosas de gênero.

Ressaltamos que a escolha das teóricas e teóricos se deu devido a sua relevância para suas respectivas áreas de pesquisa. O que não significa concordância ou discordância com suas concepções teóricas. Ou ainda, que não possa haver contradições epistemológicas entre as escolhas. Muito menos uma suposta tentativa de neutralidade acadêmica.

Nossa intenção aqui, como já dissemos, ao relacionar a HQ aos nossos estudos de gênero, consiste em indicar possibilidades educacionais e de pesquisa de gênero em quadrinhos. Sem deixarmos de considerar, com isso, as concepções teóricas de gênero já existentes.

2 MULHERES NA LUTA

Em termos de estrutura, a história em quadrinhos investigada dispensou um sumário formal. Ainda assim, mesmo sem uma divisão pré-estabelecida podemos perceber que a narrativa quadrinista organiza-se em torno de três temáticas principais: O direito à educação, de exercer uma profissão e ganhar o próprio dinheiro; O direito de votar em eleições políticas; e, O direito de decidir sobre o próprio corpo.

Já na versão digital de “Mulheres na luta” veiculada pela plataforma *Amazon Kindle*[2] encontramos como sumário, além dos elementos pré e pós-textuais, o seguinte: A primeira convenção; A luta das mulheres contra a escravidão; As três principais lutas do movimento feminista; A mártir iraniana; A chegada das socialistas; A luta pelo próprio corpo; Chega de agulhas de tricô; Amor livre; Qual de vocês é a Malala?; Brasileiras na luta.

O último item do sumário se trata de um artigo de Barbara Castro. Professora do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas e especialista em trabalho e gênero. Conhecida pelos trabalhos: *As armadilhas da flexibilidade: trabalho e gênero no setor de tecnologia da informação* (CASTRO, 2016) e, *Meu corpo não é seu: desvendando a violência contra Mulher* (FARIA, CASTRO, 2014)

Em sendo assim, utilizamos esse sumário como orientação para sinopse da HQ. Deixando a análise para a terceira parte deste trabalho, que organizamos a partir dos temas: mulher, educação e gênero. Mas antes, devemos apresentar propriamente Mulheres na luta e sintetizar as partes desta narrativa sequencial gráfica.

Na capa há desenhos, no estilo cartoon, de mulheres importantes para o movimento feminista. Nela também há representações de perfis diferentes culturas, raças e etnias. As personagens foram dispostas em marcha ou protesto com as mãos levantadas. O percurso das mulheres na capa forma uma linha curva ascendente da esquerda para direita e novamente para a esquerda. Chamamos essa linha de curva ascendente por estar inclinada para o canto superior direito da imagem como uma seta.

Em si tratando de composição da imagem, quando a forma gerada pelos elementos dispostos sobre

uma superfície aponta para os cantos podemos perceber as diagonais barroca e sinistra.

O fato é que, em uma composição, uma diagonal muito marcante pode ser capaz de alterar sua percepção ou suas emoções dependendo da forma em que elas estão direcionadas. Isso provavelmente tem a ver com a nossa forma de leitura, principalmente a ocidental, e também com a nossa percepção sobre a ideia de gravidade (MATTOS *apud* BARI; RODRIGUES, 2019, p. 273).

As concepções dessas diagonais vêm da arte Barroca, um estilo artístico de origem italiana. Daí o entendimento da diagonal barroca como ascendente, que se move para cima, enquanto que a diagonal sinistra decai. Devo lembrar que em italiano, tanto a palavra sinistro como sinistra podem ser traduzidas como esquerda em português.

Logo, numa interpretação da imagem orientada pela forma de leitura ocidental, percebemos a ascendência na forma de dispor as personagens na capa. Pois, por estar inclinada, mesmo partindo da esquerda e retornando para este mesmo lado da superfície, a marcha das mulheres aponta para o lado direito da imagem.

Já com relação ao título, lemos que, Mulheres na Luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade, está escrito em caixa alta e nas cores preta e branca para diferenciar entre título e subtítulo, ambos, levemente arqueados. Ressalto que a tradução brasileira substitui a repetição da palavra *kamp* – luta (tradução livre) – no subtítulo original para a palavra busca.

Em sendo assim, Mulheres na luta: 150 anos de luta por liberdade, igualdade e sororidade, seria outra tradução possível. Visto que, o que temos aqui diferentemente de uma busca por algo perdido ou almejado, mesmo que em um sentido de conquista, a palavra luta indica a resistência ante um sistema complexo de dominação, desigualdade e antagonismo. Tendo neste último substantivo uma tentativa de exemplificar um possível antônimo à sororidade. Visto que,

Sororidade é um conceito macro de experiências subjetivas entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção das alianças existenciais e políticas com outras mulheres, contribuindo para a eliminação de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento de cada mulher. (MARUO *et al*, 2017, p. 45)

Mais que uma força contrária, como vemos nas personificações de antagonistas em quadrinhos. Aqui, entendemos o antagonismo uma manifestação das relações de poder contra o feminismo, divergências contraproducentes dentro do próprio movimento, ou ainda, entre mulheres na sociedade.

2.1 Sinopses das lutas

Para não nos estendermos nas partes que compõem a HQ, optamos por dispô-las em pontos que levam os títulos das partes seguidas pelas sinopses que elaboramos. Deste modo, evitamos entrar em detalhes da obra neste momento. Já que nossa proposta neste trabalho consiste em falarmos sobre: mulher, educação e gênero. Tratados no tópico seguinte a partir dos respectivos subtópicos. A fim de relacionarmos a HQ com nossos estudos de gênero.

Antes de falar propriamente da primeira convenção, Marta Breen (2019) faz uma breve introdução

sobre a situação da mulher no século XIX. Parece que a ideia da autora consiste em evidenciar a impossibilidade das mulheres daquele século de exercerem direitos civis. Ressaltamos que esta percepção está relacionada aos direitos conquistados pelas mulheres, ao menos em regimes democráticos ocidentais contemporâneos à publicação da HQ. Mas deixemos isso de lado, por hora, e passemos aos quadrinhos acompanhados das sinopses das partes.

A Primeira Convenção (BREEN,

O foco de *A luta das mulheres contra a escravidão* (BREEN, 2019, p. 10) está centrado na figura de Harriet Tubman (1822 – 1913) e Sojourner Truth (1797 – 1888). A primeira conseguiu fugir de uma fazenda escravista, tornou-se livre, liderou a fuga de outros e outras escravas e ainda participou do movimento sufragista, “[...] um movimento social, político e econômico de reforma que tinha como objetivos o direito de votar das mulheres. (SANTOS, 2017, p. 215)”. A autora também nos lembra que Sojourner foi a primeira negra a vencer um homem branco escravista na justiça. Conseguindo, com isso, conquistar a guarda do seu filho.

Em *As três principais lutas do movimento feminista* (BREEN, 2019, p.23) são citadas como as principais lutas do movimento: o direito à educação, ao voto e direito de decidir sobre o próprio corpo. Já que essas questões estão diretamente relacionadas ao nosso estudo de gênero, decidimos tratar delas depois dessas sinopses da HQ.

Dando continuidade, em *A mártir iraniana* (*Idem*, p. 54), Breen conta a história de Táhirih (1814/1817 – 1852). Que aos 14 anos de idade foi concedida em casamento à um primo com quem teve três filhos. Anos depois, após converte-se ao babismo, seu marido exigiu o divórcio e a proibiu de ver os filhos. Táhirih defendia em a igualdade entre homens e mulheres público. Mas quando retirou o véu em um encontro religioso foi condenada à prisão domiciliar e morta em 1852.

Noutro cenário, com *A chegada das socialistas* (BREEN, 2019, p. 60). no início do século XX as mulheres do movimento operário começaram a se mobilizar. De modo que, em 1910 foi realizada a primeira conferência internacional de mulheres socialistas em Copenhague. Onde Clara Zetkin (1857 – 1933) falou sobre a dupla opressão às trabalhadoras perpetrada pelos empregadores capitalistas e pelos homens. Também, foi a partir da sua fala na conferência que surgiu o dia internacional da mulher.

Já *A luta pelo próprio corpo* (BREEN, 2019, p. 70) destaca a atuação da enfermeira Margaret Sanger (1870 – 1966) na promoção de métodos contraceptivos. Sanger foi presa por trinta dias após abertura de uma clínica de planejamento familiar, onde distribuiu diafragmas, até então considerados ilegais nos Estados Unidos. No início da década de 1950 recrutou o pesquisador, Gregory Goodwin Pincus (1903 – 1967), e juntos desenvolveram a pílula anticoncepcional.

A temática continua com *Chega de agulhas de tricô, abortos ilegais, memórias dolorosas* (BREEN, 2019, p. 80). Onde a autora relaciona o processo envolvendo a terceira gravidez da texana Norma McCorvey (1947 – 2017), à lei que deu às mulheres o direito de decidir sobre o aborto. Através da ação de inconstitucionalidade do promovida pelo Estado do Texas ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos, dando origem a lei aprovada em 1973.

Amor livre (BREEN, 2019, p. 95) fala da poeta Safo (c. 640 – 589 a.C.) que viveu na ilha Lesbos e início do movimento do orgulho gay pós Stonewall. Aqui, a autora diz que a homossexualidade ainda é proibida em mais de 70 países. Sendo que em 7 deles, pode levar a pena de morte. Como se não bastasse, muitos homossexuais e pessoas trans continuam sendo vítimas de crimes de ódio.

Por fim, *Qual de vocês é a Malala* (BREEN, 2019, p. 115) narra a história de Malala Yousafzai (1997 –), a mais jovem homenageada com o prêmio Nobel da paz. Em 2012, após a publicação anônima no site da BBC do seu blog diário onde criticava o regime talibã e defesa da educação para as meninas. Malala Yousafzai levou um tiro no olho esquerdo de um soldado talibã. Ela foi tratada

na Inglaterra e aos 16 anos discursou na ONU sobre o direito das crianças à educação e no dia 10 de outubro de 2014, foi anunciado que o prêmio Nobel seria atribuído a ela.

3 HQ SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Como dissemos, a história em quadrinhos, mulheres na luta, pode ser lida a partir de três temas principais: O direito à educação, de exercer uma profissão e ganhar o próprio dinheiro; O direito de votar em eleições políticas; e, O direito de decidir sobre o próprio corpo. Por conseguinte, para fins educacionais e de pesquisa de gênero essas temáticas podem ser subdivididas em eixos de análise interseccionais, como: mulher, educação, gênero, raça e etnia, trabalho, política, corpo e sexualidade, etc.

Contudo, dada a complexidade epistemológica e interseccional presente em cada uma e entre essas categorias de análise optamos por investigar na HQ as categorias: mulher, educação e gênero. A sequência da análise não segue uma hierarquia de importância, mas sim a própria narrativa sequencial gráfica. Levando em conta as considerações de Mendes (2002) que ao tratar dos estudos feministas entente os estudos da mulher como primeiro e os de gênero como mais recente.

3.1 Mulher na história em quadrinhos e nos estudos

Em mulheres na luta, Marta Breen (2019) inicia falando como as mulheres eram tratadas pelos homens no século XIX. “TOMA, AGORA É SUA!” (*Idem*, p. 5). Diz a figura do pai numa representação essencialista nas primeiras páginas enquanto empurra a uma mulher vestida de noiva para o marido. A mulher tratada como objeto nos lembra do livro, A dominação masculina, de Bourdieu (2012). No qual, o autor revela sua permanente inquietação diante do que chama paradoxo[3] da doxa[4]. Conceituado, em suas palavras, no “fato de que a ordem do mundo, tal como está, [...] seja grosso modo respeitada ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, [...] possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais.” (BOURDIEU, 2012, p. 7)

Não queremos dizer que ele pense assim, muito menos Marta Breen e Jenny Jordal, respectivamente, autora e ilustradora da HQ. Pois é óbvio que não. Contudo, parece haver, ao menos nas páginas iniciais, uma universalização da mulher do século XIX. Mas como a própria autora evidencia em seguida, e como veremos no subtópico seguinte, desde a antiguidade havia resistência.

Mas antes, devemos falar sobre outro ponto perceptível na situação, já mencionada no início deste tópico e, também referido na introdução da HQ. Trata-se da questão público-privado, que segundo Aboim (2012):

A separação entre público e privado, florescente entre as camadas burguesas das cidades industriais do século XIX, serviu, de facto, para afastar homens e mulheres, delimitando-lhes espaços e funções sociais. Enquanto as qualidades ontologicamente atribuídas ao privado permaneceram associadas ao feminino e às suas propriedades maternas e afetivas, a esfera pública – da produção industrial e da cidadania política – ficou ligada ao masculino, reproduzindo-lhe a supremacia e o lugar de chefe de família. (ABOIM, 2012, p. 99)

Ou seja, a separação dos espaços e funções sociais foi tão intensa que mesmo quando nas sociedades

ocidentais as mulheres entram no mercado de trabalho permanece, a partir do contrato matrimonial (FRASER, 1997) o contrato de gênero (HIRDMAN, 1998), perpetuando desigualdades sociais. Para Aboim (2012) essa desigualdade só pode ser combatida pela intrusão do político, do público, na esfera privada, tomando como unidade o indivíduo, e não o coletivo.

Justamente a perspectiva abordada na HQ após a primeira parte. Onde são contadas algumas das lutas individuais e coletivas de mulheres que, de certa forma, impactaram a história, especialmente, do movimento feminista.

3.2 Educação na história em quadrinhos

Em *Mulheres na luta*, a educação aparece como a primeira dentre as principais lutas do movimento feminista. E é justamente ao falar sobre o Iluminismo que a educação que a palavra gênero aparece na HQ pela primeira vez.

“Os gêneros se completam. o homem é ativo e forte, enquanto a mulher é passiva e fraca. as mulheres representam a sensibilidade; o homem a sensatez.” (ROUSSEAU *apud* BREEN, 2019, p. 28). Devemos ressaltar que na história em quadrinhos a palavra foi atribuída, pela autora, à Rousseau através do balão de fala. Ainda assim, tal atribuição reflete a crítica ao filósofo. Segundo Souza (2015), as ideias de Rousseau impuseram limites à igualdade plena de “sexo/gênero” (DE SOUZA, 2015, p. 164).

O uso de sexo/gênero me parece mais coerente para se referir aos ideais de tratado pedagógico de Rousseau (DOMINGUES, 2008) escrito sob a forma de romance. Uma vez que, como bem sabemos, o uso da palavra gênero (SCOTT, 1989) como denúncia do caráter social das distinções baseadas no sexo apareceu pela primeira vez no movimento feminista. mas devo deixar para o subtópico seguinte.

De volta a história em quadrinhos, temos, ainda no Iluminismo, as filosofas Olympe de Gouges (1748-1793) e Mary Wollestonecraft (1759-1797). A primeira filósofa escreveu, em 1791, a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã (GOUGES, 1791), em crítica à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Dois anos depois foi levada a guilhotina.

Já Wollestonecraft (1792) escreveu *A Reivindicação dos direitos da mulher*, onde ela critica vários escritores que haviam realizado uma descrição da mulher como inferior ao homem.

Devemos lembrar que o primeiro livro da filósofa Wollestonecraft foi *Reflexões sobre a educação de nossas filhas* (1787). Mas foi na obra publicada por ela cinco anos depois que:

A escritora contesta os argumentos do filósofo genebrino expostos em *Emílio*. Uma das críticas incide na afirmação de Rousseau de que as mulheres possuem uma natureza diferente dos homens que as inclinaria para a vida doméstica. A autora enfatiza que os costumes e os hábitos das mulheres resultam de uma construção social. (DE SOUZA, 2015, p. 170).

Ou seja, podemos perceber, com as publicações de Gouges e Wollestonecraft, a denúncia da dispositivos de poder, resultantes de construções sociais da suposta “natureza feminina”.

3.3 Gênero nos meus estudos

Como dissemos, a palavra gênero aparece pela primeira vez associada a educação na HQ. Depois

disso ela reaparece no final da história em quadrinhos para falar do movimento feminista, quando a autora afirma que “o objetivo do feminismo é que o gênero de uma pessoa não restrinja sua liberdade”. (BREEN, 2019, p 116).

Na citação podemos perceber, novamente, o problema da comunicação direta da HQ deixando de lado a complexidade do que comunica. Sabendo dos paradoxos existentes entre as perspectivas, ou correntes abordadas por feministas, nos parece problemático reduzir o movimento a um único objetivo. Uma vez que, se se considerarmos o gênero como único objetivo do feminismo, entendo que, estaríamos substituindo a categoria social mulher. O que, obviamente, não estamos e nem pretendemos fazer. Como bem observa Sardenberg (2010):

Observe-se, porém, que, no plano teórico, o conceito de gênero não substitui a categoria social *mulher*, tampouco torna irrelevante pesquisas, intervenções e reflexões sobre mulheres enquanto um grupo social discriminado. Ao contrário, permite que se pense essa categoria como uma construção social historicamente específica e como essa construção legitima a situação “real” de discriminação, exploração e subordinação das mulheres. Ao mesmo tempo, a categoria gênero dá conta da diversidade da condição e experiência femininas em sociedades distintas, no tempo e espaço e, ressalte-se, inclusive no seu interior, ao possibilitar a análise de como os recortes de classe, raça e idade, dentre outros, permeiam as vivências de gênero, de sorte a resultarem em experiências femininas bastante distintas. (SARDENBERG, 2010, p. 45)

Em sendo assim, reservamos essa parte antes das considerações finais para relembrar conceitos fundamentais contribuíram tanto para o entendimento de ambas categorias sociais: mulher e gênero, ou vice-versa. São eles os conceitos de: relações de gênero e poder, performance e lugar de fala.

Para tratar das relações de gênero e poder, Costa, Silveira e Madeira (2012) articulam, em seu artigo que leva o mesmo nome, como principais autores e autoras: Grossi (1998), Scott (1990), Saffioti (1992), Louro (1997), Foucault (1999) e Deleuze (1992). Com isso, apreendem que as:

[...] relações de poder em suas variadas formas e manifestações nos proporciona perceber que as relações de gênero não são dicotômicas e maniqueístas, entre dominados e dominadas, mas mutáveis e transformáveis, pois ninguém é fixo numa posição e muito menos detém unicamente o poder. De tal modo, que nos possibilita compreender que a equidade de gênero é possível e que a desigualdade foi construída, senso passível de transformação. (COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012 p. 223 - 224).

De certa maneira, esse entendimento das relações de gênero e poder como passíveis de mutações e transformações, quando associado as concepções performance interpretadas por Cyfer (2017) pode ser melhor compreendido. Já que segundo ela, em Butler:

[...] tanto sexo quanto gênero são construções socioculturais, resultam da tentativa de os sujeitos se adequarem a regras sociais que constroem a mulher a se comportar de modo “feminino”, e o homem a agir de modo “masculino”. É nesse sentido que Butler afirma que o gênero é performativo, ou seja, que o gênero é constituído por modos de agir associados à feminilidade e à masculinidade. (CYFER, 2017, p. 252)

Em sendo assim, entendemos que a educação tem papel fundamental na mudança desses de modos de agir performáticos restritivos que foram construídos socialmente que perpetuam relações de gênero e poder. Por conseguinte, em si tratando de relações entre sujeitos capazes de infinitas performances, não posso deixar de trazer a concepção de Djamila Ribeiro de lugar de fala. Sua postura ética, como bem lembra Pereira (2018), permite entender que “indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados” (RIBEIRO *apud* PEREIRA, 2018, p. 156). O que além nos fazer refletir sobre nossas posições privilegiadas, mostra a importância dessa concepção para as análises das relações de gênero e poder, especialmente, em esferas sociais micro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção aqui foi relacionar a história em quadrinhos, Mulheres na luta, aos nossos estudos de gênero. A fim de indicar possibilidades educacionais e de pesquisa de gênero em quadrinhos. Sem deixar de considerar, com isso, as concepções teóricas de gênero já existentes.

Ao investigarmos essa narrativa sequencial gráfica no campo educacional não temos a pretensão de media-la como fonte primária da temática ou temáticas abordadas. Vemos as HQ como uma forma de aproximar pessoas em relação as discussões. Nesse sentido, entendemos que o apelo visual sensível potencializa a leitura e estimula a pesquisa. Ou seja, ao nos aproximarmos das discussões nas HQ revemos pontos importantes dos nossos estudos e reconhecemos novas possibilidades investigativas.

Há muito mais questões de reflexão e análise em Mulheres na luta. Contudo, acreditamos que em si tratando de um estudo inicial da história em quadrinhos relacionado aos estudos de gênero a proposta do trabalho foi atingida. As sinopses das partes de forma livre e simplificada podem ser usadas para fins educacionais de acordo com a temática pretendida.

Já as relações estabelecidas entre a HQ servem como indicativo para pesquisas futuras. Uma vez que, as narrativas se confirmam, ao menos de maneira simplificada, quando comparada as narrativas de teóricas e teóricos que se debruçaram sobre a história da mulher, do movimento feminista e de gênero.

Como dissemos, para fins educacionais e de pesquisa de gênero, há na HQ temáticas que podem ser subdivididas em eixos de análise interseccionais, como: mulher, educação, gênero, etnia, trabalho, política, corpo e sexualidade, etc. Que dada a complexidade seria incapaz de serem analisadas em um único trabalho. Mas como pude evidenciar a partir da aproximação através da história em quadrinhos, Mulheres na luta, podemos encontrar pistas importantes para pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins, 1982.
- Bairros, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. *Revista Estudos Feministas*, 1995. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>>. Acesso em: Ago. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (2012)
- BREEN, Marta; JORDAHL, Jenny (ilust.). **Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade**. GARRUBO, Kristin Lie (trad.). – 1ª ed. – São Paulo: Seguinte, 2019.
- COSTA, Renata Gomes da; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. **Relação Gênero e Poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina**. 17º Encontro Nacional Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012. Disponível em: < <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: Nov. 2019.
- CYFER, Ingrid. **Feminismo Identidade e Exclusão Política em Judith Butler e Nancy Fraser**. In: ID (UNICAMP), v. 8, p. 247, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649783>>. Acesso em: Set. 2019.
- DE SOUZA, Cristiane Aquino. **A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau**. In: *Novos Estudos Jurídicos*, 2015, 20.1: 146-170. Disponível em: < <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/view/7>>. Acesso em: Nov. 2019.
- DOMINGUES, Sana Gimenes Alvarenga. **Gênero, educação e cidadania na visão liberal: as idéias de Rousseau e de Stuart Mill**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Campos dos Goytacazes: UENF, 2008. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST28/Sana_Gimenes_Alvarenga_Domingues_28>. Acesso em: Nov. 2019.
- DOS SANTOS, Francisco Ednardo Pinho. **Metáfora visual nos quadrinhos visual metaphor in comic Travessias interativas**, 2017, 7.14: 411 - 425. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/9149>>. Acesso em: Nov. 2019.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FERNANDES, A. Ramires, et al. **Atas da 4 Conferência de Ciências e Artes dos Videojogos**. 2011. Disponível em: <<http://tony-silva.com/eslefl/miscstudent/downloadpagearticles/ebooksales-nyt.pdf>>. Acesso em: Nov. 2019.
- LEAL, Audria Albuquerque; SILVA-HARDMEYER, Carla. **O Modelo Didático do Gênero Cartoon Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, 2017, 21.3: 137-153. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2017/11/8-O-Modelo-Did%C3%A1tico-do-G%C3%AAnero-Cartoon>>. Acesso em: Nov. 2019.
- MARUO, R. Et al. **A importância da inclusão do tema feminismo nas matrizes curriculares das universidades paulistas**. In: *Rev. Ibirapuera*, n. 13, p. 43-46, 2017. Disponível em: <www.seer.unib.br/index.php/rev/article/download/107/132>. Acesso em: Nov. 2019.
- MENDES, Mary Alves. **Estudos feministas: entre perspectivas modernas e pós-modernas**. In: *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 18, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/viewFile/1300/1020>>. Acesso em: Set. 2019.
- PEREIRA, Artur Oriel. **O que é lugar de fala?**. In: *Leitura: Teoria & Prática*, 2018, 36.72: 153-156. Disponível em: < <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/670/448>>. Acesso em: Nov. 2019

SANTOS, Valdenor Cabral dos. **A luta das mulheres por mais espaço na política: eleições para vereador Goiânia no ano de 2016**. Revista Mosaico, Goiânia, v. 10, p. 208-216, 2017. Disponível <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4890>>. Acesso em: Nov. 2019.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Da transversalidade à transversalização de gênero: aportes conceitu prático-políticos**. In: Travessias de gênero na perspectiva feminista. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2010. Disp em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6923>>. Acesso em: Dez. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol.20 (2), jul/dez. 71-100. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: Set. 2019.

WILKE, Regina Cunha. **Grupo editorial companhia das letras: transição da arquitetura de marca endo para a de marca pluralista**. In: Blucher Design Proceedings, 2016, 2.9: 584-594. Disponível e <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/grupo-editorial-companhia-das-letras-transio-da-arquitetura-de-marca-endossada-para-a-de-marca-pluralista-24286>>. Acesso em: Nov. 2019.

CASTRO, Bárbara.; DE FARIA, Juliana . **Meu corpo nao é seu: desvendando a violência contra a mulher**. São Paulo: Breve Companhia, 2014.

CASTRO, Bárbara. **As armadilhas da flexibilidade: trabalho e gênero no setor de tecnologia da informaç ed**. São Paulo: Annablume, 2016.

[1] Editora Seguinte (2012), o novo selo jovem da Companhia das Letras, foi aos poucos substituir a CIA das Letras. (WILKE, 2016, p. 591)

[2] Marca da empresa Amazon para livro digital – ebook: conversão de texto do livro impresso em massa de texto autodiagramada conforme parâmetros escolhidos pelo usuário, ou seja, que possibilita uma interatividade programada. (FERNANDES, 2011, p. 232)

[3] Paradoxo - O que é contrário à "opinião da maioria", ou seja, ao sistema de crenças comuns a que se fez referência, ou contrário a princípios considerados sólidos ou a proposições científicas. (ABBAGNANO, 1982, p. 742).

[4] Doxico - De doxa (opinião). Husserl indica com esse adjetivo todos os caracteres próprios da crença (ou doxa). (ABBAGNANO, 1982, p. 294).

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe. Graduado em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), membro dos grupos CNPQ: Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: cultura, mediação, apresentação gráfica, editoração, manifestações (PLENA); e Educação, formação, processo de trabalho e relações de gênero.. e-mail: <rauldolago1@gmail.com>.

** Pós-doutora em Sociologia da Educação, Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora o grupo do diretório de pesquisa do CNPQ: Educação, formação, processo de trabalho e relações de gênero. Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: <helenacruz@uol.com.br>.